

O E S S E N C I A L S O B R E

# Os Salvadores Portugueses

Margarida de Magalhães Ramalho



**N** IMPRENSA  
NACIONAL

O ESSENCIAL SOBRE

# Os Salvadores Portugueses

O E S S E N C I A L S O B R E

# Os Salvadores Portugueses

Margarida de Magalhães Ramalho

# Índice

7 **Introdução**

I

11 **Vinganças e mais vinganças**

II

29 **Em guerra, outra vez**

III

35 **O caminho da ditadura**

IV

39 **Dois faces, o mesmo regime**

V

45 **Em trânsito**

VI

49 **Não ser indiferente**

VII

55 **Coragem para desobedecer**

VIII

79 **Outra forma de ajudar**

99 **Bibliografia**

# Introdução

Vivemos tempos conturbados à escala mundial. Diariamente, ouve-se falar de crise climática, de crise económica, de atentados aos direitos humanos e desta pandemia que lançou, por todo o planeta, o medo e a insegurança. Para a maior parte de nós, esta situação tem poucas afinidades com a da guerra que há 80 anos abalou a Europa e o mundo inteiro.

Contudo, e tal como noutras situações extremas, houve quem soubesse fazer a diferença, colocando-se no lugar do outro e arriscando a carreira, a estabilidade financeira, amorosa ou social, quando não a própria vida. São heróis que ficam muitas vezes no anonimato. Mas são também pessoas normais, com angústias e alegrias, com defeitos e qualidades como todos nós. As escolhas que fizeram mantêm vivo o sentido da palavra compaixão.

A 29 de julho de 2020 era apresentado em Lisboa, pelo ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, o *Projeto Nunca Esquecer*, cujo objetivo é promover iniciativas ligadas ao estudo e divulgação daquela que foi, porventura, a maior calamidade

humana do século xx, a *Shoah*, também designada por Holocausto.

Tratando-se de um programa nacional, centra-se naturalmente no papel desempenhado pelos portugueses que, de várias formas, salvaram, apoiaram ou acolheram perseguidos do nazismo, sem esquecer aqueles lusos que, por razões várias, acabaram por viver o horror dos campos de concentração e/ou extermínio.

Este livro, integrado na já extensa Coleção *O Essencial*, da Imprensa Nacional, pretende contribuir para um melhor conhecimento dos portugueses que salvaram judeus do Holocausto: o padre Joaquim Carreira, José Brito Mendes e os diplomatas Aristides de Sousa Mendes (cônsul em Bordéus, 1940), Carlos Sampaio Garrido e Carlos Teixeira Branquinho, sendo estes dois últimos, respetivamente, ministro de Portugal e encarregado de negócios em Budapeste em 1944. Relembraremos também a atuação ao serviço de Portugal do húngaro Jules Gulden.

Não foram, certamente, os únicos a ter feito a diferença, sobretudo ao tentarem contornar as regras apertadas impostas por Lisboa para a concessão de vistos aos refugiados. No entanto, por essas ações terem sido mais pontuais, os seus autores não são tão fáceis de identificar. Alguns historiadores, nomeadamente Irene Pimentel e Ansgar Schaefer, já dedicaram a sua atenção a este assunto. Serão bem-vindos estudos aprofundados sobre esta matéria.

Como veremos adiante, alguns diplomatas portugueses na Alemanha foram, antes de 1939, repreendidos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE)

# I

## Vinganças e mais vinganças

A 1 de setembro de 1939, a Alemanha invadia a Polónia. Em março do ano anterior, tinha anexado a Áustria, e, em outubro, a região checa dos Sudetas, com a complacência da França e da Grã-Bretanha. Meses depois, os alemães ocupavam, primeiro, o resto da Checoslováquia e, depois, atreviam-se a entrar na Polónia. Pela mão de Adolf Hitler, o mundo era arrastado para um vórtice de violência que ainda hoje nos atormenta, a começar pela recordação do Holocausto.

Vinte anos depois do fim da terrível Grande Guerra, o confronto e os ajustes de contas entre as grandes potências iam continuar.

Como muitos historiadores já o afirmaram, a Segunda Guerra Mundial era um produto do que não se resolvera na Primeira e das condições draconianas impostas aos vencidos pelo Tratado de Versalhes.

Este, por sua vez, não deixava de refletir o revanchismo de uma França derrotada pelos prussianos

em 1870, amputada da Alsácia e da Lorena e humilhada pela proclamação, no Salão dos Espelhos do Palácio de Versalhes, do novo império germânico.

Ao vaticinar, após a assinatura, em 1919, do Tratado de Versalhes, «isto não é Paz, é um armistício por vinte anos», o marechal francês Ferdinand Foch deixava um alerta para o futuro. Poucos, porém, o quiseram ouvir, e as brutais imposições à Alemanha criariam condições para a ascensão do partido nazi dirigido por Adolf Hitler.

Sem formação acadêmica específica, Hitler viveu grande parte da sua vida de dinheiro que a família lhe enviava e de desenhos que vendia na rua. Durante alguns anos, chegou a residir num albergue para mendigos. Depois de fugir da sua Áustria natal para não ser incorporado no exército, mudou-se para Munique, onde acabou por se alistar no exército alemão. Participou na I Guerra Mundial e foi ferido. Seria só após a derrota da Alemanha que este jovem desadaptado começaria a chamar a atenção com discursos inflamados proferidos numa cervejaria de Munique.

Que o movia? Um desproporcionado desejo de desforra que o levou a acreditar que Deus o escolhera para a missão de vingar a Alemanha das afrontas e humilhações de 1919.

Para entendermos o contexto em que tudo isto aconteceu, deitemos um breve olhar às causas do conflito de 1914-1918.

Desde a unificação da Alemanha, a 18 de janeiro de 1871, esta sonhava equiparar-se às grandes potências europeias, militar e economicamente. A rivalidade era sobretudo com o Reino Unido, até aí a maior potência do mundo. Em causa estava



a disputa das colónias africanas e de novos mercados e recursos. Já outros dois impérios, o austro-húngaro e o russo, cobiçavam os Balcãs. Começava um processo de rearmamento acelerado e de constituição de alianças. De um lado, juntavam-se, na Tríplice Aliança, a Alemanha, Áustria-Hungria e Itália (que posteriormente mudaria de lado, substituída pelo Império Otomano), e, do outro, na Tríplice Entente, ficavam a França, Grã-Bretanha e Rússia.

Nas vésperas da guerra, a situação era tão explosiva que o representante na Europa do presidente americano Wilson lhe escreveria de Berlim: «a situação é extraordinária. É o militarismo à rédea solta. A menos que alguém, que atue em seu nome, Senhor Presidente, consiga introduzir uma perspectiva diferente, qualquer dia não pode deixar de se dar um terrível cataclismo.» E foi o que aconteceu.

A 28 de junho de 1914, durante uma visita oficial a Sarajevo, capital da Bósnia, o herdeiro do império austro-húngaro, arquiduque Francisco Fernando, e a sua mulher eram assassinados por Gavrilo Princip, membro da organização nacionalista sérvia, Mão Negra. A gestão inábil do caso pelo velho imperador austro-húngaro, primeiro tergiversando e depois invocando a aliança com a Alemanha, puseram em marcha, através do jogo simétrico dos tratados entre grandes potências, uma máquina tão infernal como imparável.

Seguir-se-ia um conflito sangrento, que todos acreditavam que se resolveria em poucos meses, mas durou quatro longos anos. O saldo foi terrível: nove milhões de mortos, entre militares e civis, mais 19 milhões de feridos, muitos dos quais

incapacitados para toda a vida. A economia europeia seria profundamente abalada.

Como é habitual em momentos de crise, o terreno estava preparado para «forças revolucionárias e fanatismo na Alemanha, Áustria e Hungria», como referiu o historiador britânico Martin Gilbert.

Para o povo alemão, que não tinha visto o seu território a ser invadido e que, quase até ao fim, acreditara na vitória, a derrota deixara-o perplexo. O filósofo judeu alemão Arthur Ruppin retratou bem esse sentimento de incredulidade e revolta:

De facto, nunca, na História do Mundo, um povo se viu confrontado com tão terríveis termos de armistício e admitiu a sua completa derrota, apesar de nenhum inimigo ter entrado em seu território e, pelo contrário, os seus exércitos estarem ainda profundamente nos territórios dos seus inimigos. O homem simples da rua não consegue entender o que sucedeu tão de repente e sente-se completamente perdido.

De quem tinha sido a culpa? Da ambição do *kaiser*, entretanto obrigado a exilar-se? Da arrogância das chefias militares? Para os mais avisados, talvez. Mas para os outros, porventura a maioria, fazia mais sentido a ideia da «punhalada nas costas» lançada pelo marechal Paul von Hindenburg (comandante totalmente derrotado pelas ofensivas aliadas de 1918 e que viria a ser mais tarde presidente da Alemanha). Para ele, como para Hitler, a responsabilidade era assacada aos marxistas (muitos de origem judaica) que tinham tentado,

Numa alusão aos territórios alemães que iriam ser integrados na Checoslováquia e na Polónia, e cujos habitantes já tinham feito chegar à Conferência de Paz o seu veemente protesto, diria ainda o governante britânico:

Não concebo causa maior de uma futura guerra do que cercar o povo alemão, que provou ser uma das mais vigorosas e poderosas nações do mundo, de vários pequenos povos, muitos dos quais constituídos por pessoas que nunca antes instituíram governos estáveis para eles próprios, mas contendo cada um largas massas de alemães que clamam por uma união ao seu país natal.

Mesmo ao arrepio dos seus parceiros, a França quis, no entanto, ajustar contas antigas. O dia 18 de janeiro de 1919 não foi escolhido ao acaso para o início das negociações de paz. Quarenta e oito anos antes, na sequência da derrota na Guerra Franco-Prussiana que lhe retirava os territórios da Alsácia e da Lorena, a França sentira-se ultrajada ao ser proclamado, na Sala dos Espelhos do Palácio de Versalhes, o império germânico. Agora, a Alemanha iria ficar de joelhos.

Ao serem conhecidas as condições de paz, o rancor contra as potências ocidentais explodiu. De norte a sul da Alemanha e nos territórios que iam ser desanexados do antigo império, gigantescos cortejos de protesto encheram as ruas.

O conde Brockdorff-Rantzau, delegado alemão à Conferência de Paz, não deixou de protestar,

O livro **O ESSENCIAL SOBRE  
OS SALVADORES PORTUGUESES**  
é uma edição da  
**IMPRESA NACIONAL**  
tem como autor  
**MARGARIDA DE MAGALHÃES RAMALHO**  
design e capa do ateliê  
**SILVADESIGNERS**  
revisão de  
**DIOGO SILVA**  
paginação de  
**ANA SEROMENHO.**

Tem o ISBN **978-972-27-2931-4**  
e o depósito legal **482 379/21.**

A primeira edição  
acabou de ser impressa no mês de **MAIO**  
do ano de **DOIS MIL E VINTE E UM.**  
cód. 1024814

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**  
**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa  
[www.impresanacional.pt](http://www.impresanacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](http://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

O E S S E N C I A L S O B R E

# Os Salvadores Portugueses

Margarida de Magalhães Ramalho

A II Guerra Mundial corresponde a um dos períodos mais negros da História recente. A política de extermínio não só do povo judeu mas também de ciganos e eslavos levada a cabo pela Alemanha nazi veio demonstrar que países, até aí, tidos como civilizados podiam, por contingências da História, deixar vir ao de cima o que de pior existe no ser humano. Entre todo este horror, porém, houve gente que não ficou neutra.

No caso português, e excluindo exemplos pontuais ainda não estudados, três diplomatas, Aristides de Sousa Mendes, Carlos Sampaio Garrido e Carlos Teixeira Branquinho, como também o padre Joaquim Carreira e José Brito Mendes, tiveram a coragem de não ficar indiferentes. Diz o Talmude, um dos livros sagrados judaicos, que quem salva uma vida salva o universo. E foi o que todos eles fizeram.

ISBN 978-972-27-2931-4



9 789722 729314